



Para onde caminha a produção brasileira em história da África?

É com grande alegria que apresentamos o dossiê "Áfricas e culturas: sociabilidades e política no continente africano" neste primeiro número da ODEERE, a Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGREC/UESB). A ampla proposta temática do dossiê nasce da necessidade identificada pelos organizadores de promover um espaço de divulgação para a vasta produção de jovens pesquisadores que vêm, em especial na última década, conferindo novas feições para o campo dos estudos africanos no Brasil. Contemplando os trabalhos que compõem este volume, somos levados também à constatação de que perguntar para onde caminha a produção brasileira neste campo de estudos é uma pergunta muito mais complexa do se pode pensar, a princípio.

Como o leitor perceberá, os temas de pesquisa que são apresentados pelos artigos deste dossiê revelam que se explora, agora, uma maior diversidade geográfica do continente africano - se por muito tempo ficamos concentrados, sobretudo, nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOPs), com especial destaque conferido a Angola e Moçambique, notamos agora que os interesses de trabalho se deslocam para regiões como a Nigéria - atente-se para o estudo de Angela Fileno sobre a abolição no Brasil e as festas em Lagos -, Burkina Faso, na discussão sobre o cinema apresentada por Janaina Oliveira, e também África do Sul, na análise que Raquel Gomes apresenta sobre o fotojornalismo do Clube do Bang Bang. A África francófona surge, por sua vez, na reflexão sobre a produção crítica e a militância política de Frantz Fanon, em texto apresentado por Gustavo Durão. São trabalhos que encaram os desafios de ampliar, no Brasil, a bibliografia disponível sobre uma África que está além da experiência da lusofonia.

Nem por isso, no entanto, os PALOPs deixam os holofotes. A partilha da experiência colonial portuguesa e a língua comum certamente permanecem como aspectos de aproximação fundamentais do continente africano por parte de pesquisadores brasileiros. Assim, a Cabo Verde do século XVII é analisada por Alexandre Marcussi, em uma necessária ampliação dos estudos africanos para além da

contemporaneidade; a música e a resistência ao colonialismo na Angola do século XX surgem como o centro de atenção da pesquisa de Washington Nascimento; Patricia Godinho discute a participação feminina na luta anticolonial em Guiné Bissau, entre os anos de 1960 e 1970.

Os textos do dossiê também dialogam, em profundidade, com os artigos deste primeiro volume da Revista ODEERE - bem como com o material que as seções "Novos Pesquisadores" e "Relatos de Experiência" apresentam. São reflexões importantes sobre as perspectivas pós-estruturalistas dos usos da diversidade, os diálogos entre memória, plasticidade e estética, e os processos de construção identitária das crianças da Comunidade Quilombola Barroso, em Camamu, na Bahia. A análise de depoimentos apresentados pelo documentário "Retornados, ou os Restos do Império" concentra-se na investigação sobre os impactos da guerra colonial e do processo de independência de Angola na relação que muitos dos entrevistados estabelecem com a narrativa do próprio passado, enquanto a reflexão sobre as interfaces da governança no período pós-guerra civil em Angola discute as concepções de "angolanidade" e "angolanização". O romance "A Geração da Utopia", de Pepetela, por sua vez, é foco de discussão sobre a articulação de múltiplas identidades na África contemporânea.

Destacamos com especial ênfase a apresentação de textos que narram o encontro das experiências de pesquisa com as práticas docentes - o deslocamento das discussões que a academia e os centros de pesquisa têm ampliado, nos últimos anos, também para o campo da sala de aula mostra-se um dos principais desafios colocados aos estudos africanos na atualidade. O conceito de "consciência histórica" de Jörn Rüsen é aplicado a um estudo de caso do ensino de História da África para o oitavo ano da rede de ensino municipal de São Paulo, enquanto são resgatadas também as vivências docentes sobre violência no espaço escolar no Curso de Extensão em Gênero, Raça e Diversidade Sexual do ODEERE. Também é fundamental a discussão sobre as novas linguagens de ensino e aprendizagem na disciplina de História e a necessidade de aproximação entre as novas abordagens historiográficas que invadem as universidades e a educação básica.

Há de se ressaltar também o mérito de pesquisas que ampliam o escopo de fontes utilizadas para pesquisas sobre o continente africano - não apenas fontes arquivísticas embasam muitos dos trabalhos aqui apresentados, mas também produções materiais e culturais que, pela renovação no próprio campo da historiografia, podem, hoje, ser apreendidas como material de pesquisa para o historiador. Também são marcas deste primeiro volume da revista ODEERE o diálogo constante com as bibliografias contemporâneas sobre os temas apresentados, além de uma profunda reflexão crítica sobre obras já clássicas. Vemos, afinal, que uma nova rede de debates sobre o continente africano vai, aos poucos, ganhando novos espaços e consolidando novas parcerias.

Para onde caminha a produção dos estudos africanos no Brasil? Para todos os lugares e em todas as direções, gostaríamos de dizer. Não tem sido uma jornada fácil, tampouco livre de percalços, mas seguimos

amparados pela certeza de que compartilhamos o caminho com parceiros e colegas que se engajam na paulatina transformação deste campo dos estudos no Brasil. As páginas que seguem apenas reforçam esta crença.

Angela Fileno

Raquel G. A. Gomes

Washington Nascimento

(Organizadores do Dossiê)

Angela Fileno da Silva: Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo, mestre pela mesma universidade e especialista em Turismo Cultural pelo Centro Universitário Unibero. Possui graduação em História pela Universidade de São Paulo e graduação em Turismo pelo Centro Universitário Unibero. É professora da Universidade Guarulhos desde 2003. Tem experiência nas áreas de Turismo e História. Atualmente desenvolve pesquisa acadêmica sobre os seguintes temas: comunidade brasileira na África, Festa do Senhor do Bonfim na África e História Atlântica.

Raquel Gryszczenko Alves Gomes: Possui graduação (2006) em História pela Universidade Estadual de Campinas, mestrado (2010) e doutorado (2015) em História Social pela mesma instituição. Interesses de pesquisa concentram-se nas áreas de História da África, História Contemporânea e literaturas africanas anglófonas e lusófonas, privilegiando temas como políticas de segregação racial, articulação de redes políticas e literárias, legislação, imprensa e ensino de História.

Washington Santos Nascimento: Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo - USP (2013). Mestre em Ciências Sociais: Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP (2008). Especialista em Memória, História e Historiografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (2006). Especialista em Educação Superior pelas Faculdades Internacionais de Curitiba FACINTER (2004). Graduado em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (2003). Desde 2015 é professor adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), lotado na área de Moderna e Contemporânea, na sub-área de História da África.